

Rumo a uma hermenêutica contextual

René Padilla

O problema básico da hermenêutica bíblica consiste em transpor a mensagem bíblica do seu contexto original para o contexto do locutor ou ouvinte moderno, a fim de produzir neste o mesmo tipo de impacto que essa mensagem quis produzir nos leitores e ouvintes originais. Outra maneira de expressá-lo seria dizer que hermenêutica é essencialmente a ciência e a arte de explicar dentro de uma situação histórica moderna a palavra de Deus originalmente explicada num meio-ambiente hebreu ou grecô-romano, e no intuito de conseguir que a vida dos leitores ou ouvintes se conforme à vontade de Deus. Entendida nesses termos, a hermenêutica está fortemente ligada à situação do intérprete. Ela tem a ver com essa Palavra de Deus que somente pode ser compreendida e assimilada ou aceita na medida em que ela se torna "carne" numa situação histórica específica, com todas as suas formas culturais(1) e todos os seus fatores políticos, sociais e econômicos concretos.

Não se pode exagerar a importância de se ter consciência das particularidades da situação e do papel que elas desempenham na tarefa de fazer com que a mensagem bíblica assuma um significado dentro de um contexto histórico dado. O presente trabalho tenta propor uma hermenêutica que leve a sério a situação e que torne possível que a mensagem bíblica registrada em textos antigos tome contato com a situação dos leitores e ouvintes modernos, porém ao mesmo tempo mantendo-se fiel a seu propósito original. Na primeira parte, descreverei três diferentes abordagens das Escrituras segundo a importância que elas atribuem à situação. Na segunda parte, proporei um círculo hermenêutico como meio essencial de estabelecer uma relação entre a mensagem bíblica e o contexto histórico. Finalmente, na terceira parte, esboçarei as implicações desta abordagem para a contextualização do Evangelho.

1 Em todo este trabalho, a palavra "cultura" é empregada em sentido amplo. Ela inclui não só as habilidades técnicas, o estilo de vida, as atitudes e os valores de um povo, mas também seus modos de pensar, seus processos cognitivos e suas maneiras de aprender, tudo o que, em última instância, expressa um compromisso religioso.

I. TRÊS ABORDAGENS DA ESCRITURA

Falando em termos gerais, existem três modos de abordar as Escrituras, segundo a atitude que o intérprete adota sob ponto de vista hermenêutico: A abordagem intuitiva, a abordagem científica e a abordagem contextual.

A. A abordagem intuitiva

Faz mais de um século que Hudson Taylor, fundador da "Missão para o Interior da China" escreveu uma carta a uma certa senhorita Desgraz, na qual a fez saber o que mais tarde se haveria de considerar seu "segredo espiritual". Depois de citar as palavras de Jesus segundo João 7.37, "Se alguém tem sede, venha a mim e beba", Taylor acrescentou:

"Quem há que não tenha sede? Quem não tem sede intelectual, sede da alma, sede do coração ou sede do corpo? Pois não importa qual seja a sede, ou se eu as tiver todas, 'Venha a mim e' permaneça sedento? Ah, não! 'Venha a mim e beba.'

Que? Será que Jesus pode satisfazer toda a minha necessidade? Sim, e muito mais que isto. Ele não só me promete bebida que mate a minha sede. Não, mais do que isto! *Quem crer em mim* (aqui-lo que eu disse), *do seu interior fluirão* . . ."

Será possível? Haverá refrigério para o árido e o sedento — serão umedecidas as terras queimadas, refrescados os lugares áridos — porém mais ainda, será possível que seja tão saturada a terra a ponto de brotarem as fontes e fluírem os rios? Sim, assim será! E não meros riachos, que se enchem durante as chuvas, mas logo secam outra vez. . . ; mas sim: *'Do seu interior fluirão rios'* — rios como o potente Yangtse, sempre cheios, sempre profundos. Em tempos de seca podem secar os rios, esvaziar-se os canais porém o Yangtse, jamais! Ele é sempre uma corrente imensa e profunda, a fluir irresistivelmente."(2)

A leitura que Taylor faz das palavras de Jesus, pronunciadas na festa dos tabernáculos no primeiro século em Jerusalém, ilustra a abordagem das Escrituras adotada por muitos cristãos em toda as partes. Cabe fazer aqui algumas observações sobre a mesma.

1. *O interesse principal* do intérprete se relaciona com a relevância e *apropriação pessoal da mensagem* à sua própria situação. As considerações hermenêuticas são deixadas de lado ou minimizadas. Em termos mais técnicos, desaparece o *Sitz im Leben* (o lugar vivencial), e o *Sitz im Glauben* (o lugar na fé — *la situación de fe*) é que se torna importante. Toma-se como ponto pacífico que o leitor moderno tem

2 TAYLOR, Howard e Geraldine. *El Secreto Espiritual de Hudson Taylor*. Chicago, Ed. Moody, s. d., pp. 180-181.

acesso direto ao significado do texto antigo, sempre que possa lê-lo em sua própria língua. Não há consciência alguma do papel do contexto histórico, seja do próprio texto, seja do próprio intérprete moderno. O pressuposto básico é de que a situação do leitor contemporâneo coincide, em boa medida, com a situação representada pelo texto original. O processo interpretativo é o que aparece no diagrama 1.

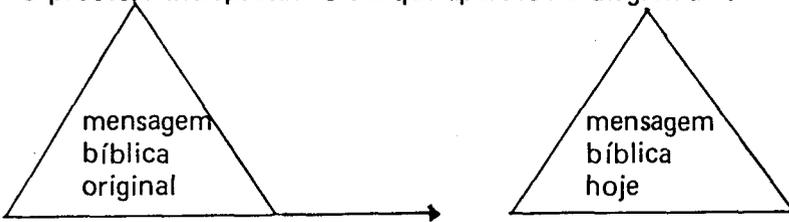


Diagrama 1.

2. O valor desta abordagem está em que ela destaca três fatos essenciais para a hermenêutica bíblica:

Primeiro, que as Escrituras estavam destinadas à *gente comum*, e não apenas aos teólogos profissionais. (Acaso não foi a descoberta desta verdade que levou os reformadores do século XVI a traduzir e fazer circular a Bíblia em línguas vernáculas?)(3)

Segundo, que há um *mistério* em torno das Escrituras, no sentido de que a Palavra de Deus está dada em palavras humanas e é entendida mediante a iluminação do Espírito Santo.

Terceiro, que o propósito das Escrituras não se reduz a uma mera apreensão intelectual da verdade, mas implica uma *submissão* consciente à Palavra de Deus que se faz ouvir nas Escrituras. Dentro das limitações correspondentes (como se verá mais adiante), esses três fatos se revestem de uma importância especial nos momentos em que, nas palavras de Robert J. Blaikie, "somente mediante a erudição sacerdotal dos críticos bíblicos o homem comum pode receber a doutrina da Palavra de Deus."(4)

3 "Todos os reformadores de século XVI seja Lutero, Zwínglio ou Calvino, criam que nas Escrituras Deus lhes falava da mesma forma em que já o fizera nos primeiros dias aos profetas e apóstolos. Criam que, se o povo comum dispusesse da Escritura numa língua em que pudesse entender, poderia ouvir a Deus falando-lhes diretamente, e poderiam acudir a Ele em busca de consolo, calor ou instrução; e a descrição que faziam do que para eles eram as Sagradas Escrituras, é simplesmente outro modo de dizer que todos os crentes podem ter acesso à mesma presença de Deus. As Escrituras eram para eles, portanto, uma revelação mais pessoal que dogmática. Eles relatam a experiência de uma comunhão com Deus desfrutada por seus santos em épocas passadas, a qual ainda pode ser compartilhada pelos fiéis. Na história da Bíblia, como imaginavam os reformadores, ouvimos duas vozes: a voz de Deus que fala com amor ao ser humano, e a voz do ser humano renovado respondendo a Deus na fé. Esta comunhão não é algo morto que pertence a uma época passada; ela pode ser compartilhada aqui agora." (LINDSAY, T.M., citado por STIBBS, Allan M. *Understanding God's Word. The Inter Varsity Fellowship*. Londres, 1950, pp. 58-59).

4 *Secular Christianity and God Who Acts*. Londres, Hodder and Stoughton, 1970, p. 27.

3. Por outro lado, a abordagem intuitiva pode levar facilmente a *alegorizações*, nas quais se perde o sentido literal do texto. Alguém disse que a alegoria é filha da piedade, e, com efeito, isto tem sido corroborado pela história da interpretação bíblica desde os tempos dos pais da igreja primitiva até a época moderna. As interpretações fantásticas de teólogos tão conceituados como Orígenes e Agostinho, Lutero e Calvino, constituem ilustrações sofisticadas em grau maior ou menor, de abordagem da Bíblia inspirada por uma atitude piedosa. Trata-se da mesma perspectiva adotada por muitos pregadores modernos em seu esforço no sentido de conseguir que a mensagem bíblica se torne relevante em sua própria situação. A pergunta que cabe formular a este processo é se a apropriação da mensagem bíblica é possível sem violentar o texto bíblico.

B. A abordagem científica

Para aquele que tiver uma compreensão mesmo superficial do papel da história e da cultura para a exegese bíblica, fica óbvia a importância dos estudos lingüísticos e históricos para a interpretação da Escritura. Se o tema central da Bíblia é a ação de Deus na história, ação esta que culminou na pessoa e obra de Jesus Cristo, torna-se impossível entender a mensagem bíblica à parte de seu contexto histórico original. A matéria prima da teologia não se constitui de conceitos abstratos, fora do tempo, que possam ser pura e simplesmente tomadas da Escritura como Palavra de Deus; antes essa matéria prima é uma mensagem referente aos acontecimentos históricos, uma mensagem cujo relato e interpretação recebem seu colorido das culturas semítica e greco-romana dos autores bíblicos. Em razão disto, uma das tarefas básicas da teologia é a construção de uma ponte entre os leitores ou ouvintes contemporâneos e os autores bíblicos, valendo-se para tal do *método histórico*, cujo pressuposto básico é de que a Bíblia não pode ser entendida à parte dos seus contextos históricos originais.

Esta é a abordagem adotada pela grande maioria dos eruditos bíblicos que se dedicam ao estudo acadêmico das Escrituras. Mas é também a abordagem preferida por aqueles cristãos cultos interessados no "estudo sério da Bíblia" (em contraste com a simples leitura da Bíblia). Que diremos em relação a esta abordagem?

1. *O interesse principal do intérprete* é entender a mensagem bíblica, orientada pela convicção de que somente a volta ao *Sitz im Leben* dos autores bíblicos é que possibilita essa compreensão. Por isso seu esforço consiste em extrair, por meio da exegese histórico-gramatical, aqueles elementos mais universais transmitidos pelo antigo texto da Escritura. Ditos elementos logo podem ser aplicados aos leitores ou ouvintes modernos, porém esta tarefa geralmente é concebida como uma tarefa a ser desenvolvida fora do campo da erudição bíblica e que deve ficar reservada aos pregadores ou escritores devocionais. O processo interpretativo está representado no diagrama 2.

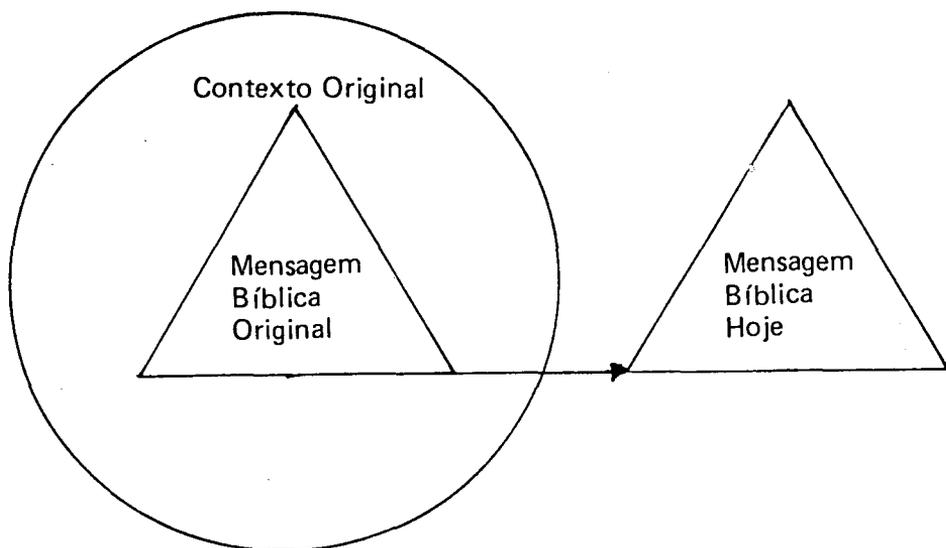


Diagrama 2

2. *O valor desta abordagem* está em que ela salienta a natureza histórica da revelação bíblica. De certo modo, a interpretação histórica amplia o abismo entre a Bíblia e os leitores e ouvintes modernos. Ao fazê-lo, ela não obstante dá testemunho do fato de que a Palavra de Deus hoje tem a ver com a Palavra de Deus que foi dita nos tempos antigos pelos profetas e apóstolos. A menos que o intérprete moderno permita que o texto fale a partir de sua situação original, ele não tem base alguma para sustentar que sua própria mensagem tenha continuidade com a mensagem registrada na Escritura. Se vamos levar a sério os eventos da revelação e sua interpretação, os quais constituem o conteúdo da Escritura, nenhum intérprete terá o direito de dedicar-se livremente à "eisegese". Sua tarefa consiste em atualizar o passado, sendo que a atualização está relacionada com acontecimentos históricos únicos, que estão inexplicavelmente ligados a significados normativos (embora não exaustivos) e são contemporâneos de todas as gerações subsequentes.

3. *A limitação da abordagem científica* às Escrituras de per si está em que ela atribui ao intérprete uma "objetividade" que (conforme sustenta a "nova hermenêutica")(5) é tão impossível quanto inaceitável. Impossível, porque inevitavelmente o intérprete aborda o texto com pressupostos que vão colorir sua exegese. Inaceitável porque a Bíblia só pode ser entendida corretamente na medida em que for lida nu-

5 Sobre os valores positivos e as limitações da "nova hermenêutica", veja-se THISELTON, A. C. *The New Hermeneutics*. In: MARSHALL, I. Howard (ed.). *New Testament Interpretation*. Exeter, The Paternoster Press, 1977, pp. 308ss.

ma atitude de participação e na medida em que se permitir que ela se expresse em relação à situação em que se encontra a pessoa. A tarefa hermenêutica não consiste apenas em definir o significado original do texto. Ademais, o intérprete não pode supor que o único contexto histórico concreto que ele precisa levar em conta seja o contexto histórico referente ao texto, como se ele mesmo fosse um ser a-histórico. A hermenêutica tem a ver com a transposição da mensagem bíblica do seu contexto histórico original para o contexto histórico do intérprete moderno, de um modo tal que o texto escrito no passado tenha um impacto no presente.

A abordagem da crítica histórica está em bancarrota, visto que não conseguiu, na interpretação das Escrituras, que o passado adquira vida e ilumine o presente.

A tarefa hoje está em promover uma abordagem que permita exercer a fé uma função crítica em relação à crítica bíblica.

C. A abordagem contextual

As duas abordagens anteriores são unilaterais: Elas não fazem justiça ao contexto histórico original do texto bíblico ou ao contexto histórico dos leitores e ouvintes modernos. Em consequência, não é possível estabelecer um diálogo significativo entre o passado e o presente. Na modalidade intuitiva, a mensagem bíblica se adapta prematuramente às necessidades contemporâneas a fim de propiciar a atualização. Na modalidade da abordagem científica, por outro lado, leva-se em consideração a mensagem bíblica em seu contexto original, porém o seu significado é transposto para um mundo que claramente não é o nosso. Como poderemos evitar o abismo entre o passado e o presente? Como poderá a mensagem registrada nos documentos antigos falar ao intérprete em sua realidade concreta, sem que perca sua significação original? Grande número de exegetas se dedicou ao estudo deste problema. Limitar-me-ei a propor uma maneira de conseguir que nossa mensagem seja tão bíblica quanto contemporânea, por meio de uma abordagem que combine idéias positivas derivadas da hermenêutica clássica com outras derivadas do debate hermenêutico moderno: *A abordagem contextual*. Nesta abordagem se adotam e se equilibram os pressupostos básicos das duas abordagens acima mencionadas, ou seja: o pressuposto de que o contexto do leitor contemporâneo tem muito em comum com o contexto original da mensagem bíblica, de modo que o leitor poderá assimilá-la hoje, e o pressuposto de que a mensagem bíblica somente pode ser entendida corretamente à luz do seu contexto original. Tanto o contexto do texto antigo como o contexto do leitor moderno recebe o peso que lhes corresponde. A meta é que o horizonte da situação histórica contemporânea se funda com o horizonte do texto, de maneira tal que a mensagem proclamada na situação contemporânea seja um equivalente dinâmico da mensagem proclamada no contexto original. Em sua forma mais simples, pode-se ver o processo interpretativo no diagrama 3.

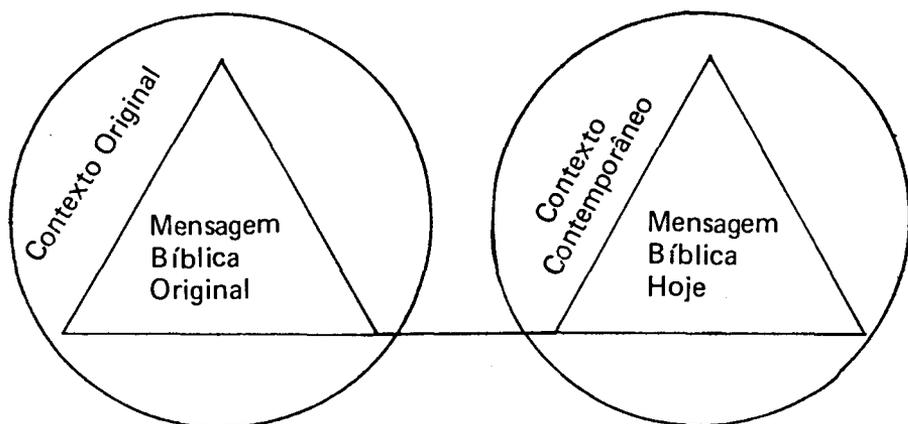


diagrama 3

De forma simplificada, o diagrama 3 exprime o fim visado pela abordagem contextual. Ele ilustra a importância do contexto histórico para a mensagem bíblica, tanto em sua forma original como na contemporânea. Não existe algo como uma mensagem bíblica separada de um contexto histórico específico.

Não obstante a representação do processo interpretativo que se processa na transposição da mensagem bíblica do seu contexto original para um contexto contemporâneo requer elaboração mais detalhada. Procurarei fazê-la descrevendo o processo como um círculo hermenêutico.

II. O CÍRCULO HERMENÊUTICO

O diagrama 3 é uma simplificação do processo interpretativo porque o representa como um movimento em um só sentido ou seja, do contexto original para o contexto contemporâneo, quando na realidade não pode existir interpretação da mensagem bíblica que não esteja necessariamente condicionada pelo contexto contemporâneo particular em que o próprio intérprete se encontra. Não precisamos concordar inteiramente com Bultmann e seus seguidores para admitir que, sempre que um intérprete aborda um texto bíblico específico, somente pode fazê-lo a partir de sua própria perspectiva. Se admitimos isto, fica óbvio que o processo interpretativo compreende um círculo hermenêutico no qual o intérprete e o texto estão mutuamente comprometidos, e que a interpretação inevitavelmente ostenta as marcas do seu contexto histórico. Conseqüentemente, o processo compreende um movimento em dois sentidos. A interação dinâmica que se desenrola na tarefa de interpretar será vista com maior clareza assim que tivermos descrito os diversos elementos do círculo hermenêutico.

A. Os elementos do círculo hermenêutico

Quatro elementos entram em jogo no círculo hermenêutico:

1. A situação histórica do intérprete;
2. A cosmovisão do intérprete;
3. A Escritura;
4. A teologia.

1. A situação histórica do intérprete

Nenhum intérprete vive no vazio. Ele vive numa situação histórica concreta, numa cultura; dali derivam não só sua língua, mas também seus padrões de pensamento e de conduta, seus métodos de aprendizado, suas reações emocionais, seus valores, interesses e metas.

Portanto, se é que a Palavra de Deus o alcança, terá que alcançá-lo em termos do seu próprio contexto histórico, ou não o alcançará em absoluto. O conhecimento de Deus somente é possível quando a Palavra, a bem dizer, se encarna na situação do intérprete.

Já que a compreensão da mensagem bíblica está sempre relacionada com a situação do intérprete, não existe garantia de que sua interpretação (sua teologia) há de coincidir completamente com a mensagem em seu contexto original. Nenhuma situação histórica reflete em sua totalidade o propósito de Deus; em toda situação, portanto, existem elementos a conspirar contra a compreensão da Palavra de Deus. Em linguagem mais técnica, pode-se dizer que a "pré-compreensão" do intérprete pode impedir que sua interpretação seja um reflexo fiel da mensagem bíblica. Aceito isto, segue-se que toda interpretação é suscetível de correção e aperfeiçoamento. Segue-se também que em toda situação se faz necessário contar com salvaguardas contra as distorções da Palavra de Deus. Toda vez que, no processo de interpretação, qualquer dos valores ou premissas da situação histórica do indivíduo, que sejam incongruentes com a mensagem bíblica, acabem virando parte da interpretação, o resultado é o *sincretismo*. Em todo sincretismo dá-se uma acomodação da mensagem bíblica a algum valor prevalecte na cultura, uma acomodação que geralmente se origina num desejo de apresentar uma mensagem "relevante".

De outro lado, toda situação possui elementos positivos, favoráveis à compreensão da mensagem bíblica. Em outras palavras, toda situação torna possível certa abordagem das Escrituras que ilumina aspectos da mensagem que em outras circunstâncias permanecem menos visíveis ou até ocultas. Conseqüentemente, as mesmas diferenças culturais que deturpam a comunicação intercultural acabam sendo elementos positivos para a compreensão da multiforme sabedoria de Deus; elas servem de canais para aspectos da Palavra de Deus que ficam melhor ressaltados dentro de um contexto histórico específico.

Eugene Rubingh o ilustra num artigo sobre "The African Shape of the Gospel", (6) no qual ele mostra que a "*visão pristina*", ou visão ori-

6 *His Magazini*, Vol. 33, N° 2 (outubro de 1972), pp. 9ss.

ginal característica da cultura africana, coloca o africano numa posição privilegiada para compreender que "cada qual é parte do todo, e o Reino compreende todas as facetas, todos os momentos, todos os atos".(7)

Outra ilustração é oferecida por Don Richardson em seu livro *Hijo de Paz*(8) que, mais que um fascinante relato de missão, constitui valioso estudo de hermenêutica contextual. Os Sawi (canibais caçadores de cabeças na antiga Nova Guiné Holandesa) inicialmente aclamaram a Judas como o herói do relato evangélico, isto porque idealizavam a traição; entretanto o Evangelho produziu uma reação positiva neles quando lhes foi apresentado em termos de um *tarop tim*, um menino de paz dado por Deus a toda a humanidade. Richardson chega à seguinte conclusão:

"As analogias redentoras, as chaves de Deus para penetrar nas culturas humanas são o acesso aprovado pelo Novo Testamento para a evangelização intercultural. E não é só no Novo Testamento que encontramos um paradigma para distingui-las e assimilá-las, paradigma que devemos aprender a usar. Algumas analogias da redenção se destacam nas lendas e nos registros do passado: Olenos, o Carregador dos Pecados; Balder, o Inocente perseguido até a morte, porém destinado a governar o Novo Mundo; o Homem Justo, de Sócrates; o deus desconhecido dos atenienses, analogia esta adotada pelo apóstolo Paulo; o cordeiro sacrificial dos hebreus, adotado por João Batista e Paulo. Outras analogias de redenção têm estado escondidas nas culturas da atualidade, latentes, residuais, à espera: o menino *tarop* e as palavras de *remon sawis*; o *nabelan-kabelan*, a firmemente arraigada esperança de imortalidade da tribo Dani; a cerimônia *asmat* do novo nascimento. Outros são ainda os lugares de refúgio e as lendas da queda do homem, do Dilúvio e de uma escada que una a terra com o céu."

"Quantas mais ainda estão à espera de ser achadas, de ser adotadas para a libertação dos povos que nela crêem, à espera de que Cristo as substitua, para então desaparecerem ante o esplendor de sua glória, tendo cumprido uma vez o propósito para o qual Deus as ordenou?"(9)

A situação histórica do intérprete não só proporciona "analogias redentoras" que podem servir de *chaves hermenêuticas* para a Palavra

7 Ibid.

8 RICHARDSON, Don, *Hijo de Paz*. Miami, Vida, 1976.

9 Ibid., pp. 316-317.

de Deus neste contexto particular; ela também coloca *perguntas* que exigem repostas espirituais. Dessas perguntas deve ocupar-se a teologia em cada situação. Se é que Deus vai confrontar a pessoa com sua Palavra dentro de uma situação específica, deve produzir-se um contato com os horizontes do leitor ou do ouvinte da mensagem em seu próprio contexto histórico. Deus não sai ao encontro da pessoa humana numa situação abstrata; Deus lhe sai ao encontro unicamente como um ser histórico no contexto de sua existência física.

Isto quer dizer que a tarefa hermenêutica exige a compreensão da situação histórica do intérprete tanto quanto a compreensão das Escrituras. Nenhuma transposição da mensagem bíblica é possível, a menos que o intérprete esteja familiarizado com o ponto de referência dentro do qual ele vai captar o sentido da mensagem. Há, por conseguinte, lugar para ciências auxiliares (tais como a economia, sociologia, psicologia social e antropologia) que permitem ao intérprete definir com maior exatidão os horizontes do seu *contexto histórico*, da mesma forma como a lingüística, a literatura e a história podem ajudar-lhe em seu estudo *do texto* e no contexto original do mesmo. Quanto mais profunda e completa for sua compreensão da situação concreta, mais profundas e completas serão as perguntas que ele fará à Bíblia bem como as respostas que nela encontrará.

A chamada "teologia da libertação" na América Latina tem dado considerável atenção a toda a questão da situação histórica do intérprete e seu papel decisivo na atividade teológica. Com efeito, um dos principais representantes dessa "escola", Juan Luiz Segundo(10) sustenta que a diferença fundamental entre um teólogo da libertação e um teólogo acadêmico está em que aquele se vê obrigado "a juntar, a cada passo, as disciplinas que lhe abrem o passado e as disciplinas que lhe explicam o presente, e isto, na elaboração da teologia, ou seja, em seu intento de interpretar a Palavra de Deus dirigida a nós, hoje e aqui."(11)

Logo ele propõe um círculo hermenêutico no qual ele distingue quatro pontos. Primeiro, nossa maneira de experimentar e avaliar a realidade concreta, a qual nos leva à "suspeita ideológica". Segundo, a aplicação desta suspeita a toda a "superestrutura ideológica", da qual a teologia faz parte. Terceiro, um novo modo de experimentar a realidade teológica, o qual nos leva à "suspeita exegética". Quarto, uma nova hermenêutica, ou seja, um novo modo de interpretar a Escritura, que inclui os novos elementos adquiridos nesse processo.

Ao se optar pela análise sociológica marxista da realidade como ponto de partida,(12) bloqueia-se, entretanto, *a priori* a possibilidade

10 SEGUNDO, Juan Luis. *Liberación de la Teología*. Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1975.

11 Ibid., p. 12.

12 SEGUNDO deixa claro que sua escolha deste ponto de partida é feita "certamente não por critérios teológicos, mas humanos" (ibid., p. 18). Mas se ele crê com van de POL, W. H., que "toda escolha de um ponto de partida na ciência, na filosofia e na teologia significa a

de as Escrituras falarem por si mesmas. Se o intérprete aborda a Bíblia com perguntas que surgem de uma elaboração ideológica da realidade, como poderá ele impedir que sua teologia vire mero eco de sua ideologia? Ninguém pode afirmar sua própria objetividade absoluta; mas isto não pode servir de base para a suposição de que a teologia, para tornar-se relevante, deve conformar-se a uma ideologia pré-estabelecida. Os erros de uma teologia posta a serviço dos defensores do *status quo* não se corrigirão atrelando-se a teologia a uma ideologia diferente, mas sim permitindo-se que as Escrituras se expressem livremente em nossa situação e reformulem aquelas perguntas que a realidade concreta tem a lhe apresentar. Sem essa liberdade, o círculo hermenêutico acaba virando um círculo vicioso. Fica bloqueada a circulação hermenêutica. Isso não é negar a necessidade de desenvolver instrumentos adequados para analisar a realidade concreta em todas as suas dimensões. Todas as investigações científicas, não obstante, estão baseadas, em última instância, num compromisso religioso e, por conseguinte, não podem pretender ser autônomas em relação à Palavra de Deus. Mais ainda, não deve esquecer que experiência e observação pessoais da realidade também constituem meios válidos para compreender os horizontes com os quais terá que entrar em contato a Palavra de Deus na situação contemporânea. Certamente a ciência pode acrescentar elementos novos e válidos, mas de forma alguma pode-se considerá-la a única maneira de adquirir conhecimento da realidade. Conseqüentemente ela não deve ser absolutizada.

Em conclusão, uma compreensão adequada da situação concreta se faz essencial, visto que a hermenêutica tem a ver unicamente com o significado da mensagem para os leitores ou ouvintes modernos em sua própria situação histórica. A encarnação deixa bem claro qual o ponto de vista de Deus a respeito da revelação de si mesmo e dos seus propósitos: Deus não proclama sua mensagem direto do céu; Deus se faz presente como pessoa humana. A culminação da revelação de Deus é Emanuel, e Emanuel é Jesus: Um judeu do século I! Esta encarnação mostra inequivocamente a intenção de Deus de dar-se a conhecer a partir de dentro da situação humana concreta. Em razão da própria natureza da Palavra de Deus, somente podemos conhecer sua Palavra como mensagem contextualizada numa situação particular.

2. O ponto de vista do intérprete sobre o mundo é a vida.

Já assinalamos que o intérprete aborda a Escritura a partir de uma perspectiva particular. Ele tem sua própria perspectiva do mundo e da vida, seu próprio modo de apreender a realidade, derivado, em boa parte, de sua situação, mas que também lhe permite ver essa realidade como um todo coerente. Quer esteja consciente, quer não, dessa perspectiva do mundo e da vida, ela é determinada pela religião que está

por trás de todas as suas atividades.(13) Como o expressou Peter Berger, "toda definição da situação implica pressupostos teóricos específicos, um marco de referência, em última análise, uma perspectiva da realidade."(14) Podemos estender esta observação à hermenêutica bíblica e dizer que *toda interpretação do texto implica uma cosmovisão*.

De um modo geral, a teologia ocidental não tem tido consciência da medida em que ela está afetada pelo ponto de vista materialista e mecanicista do mundo e da vida que se apoderou do Ocidente.(15) Para o intérprete que aceita sem questionamento o ponto de vista moderno e "científico" do mundo e da vida, segundo o qual a consciência empírica é a única fonte de conhecimento, e nada que esteja fora do seu campo pode ser real, acaba sendo natural supor que naqueles casos em que a Escritura se refere ao mundo do espírito ou aos milagres, por exemplo, não se pode levá-la a sério. Na melhor das hipóteses, dito intérprete não chegará ao extremo de Bultmann, que afirma que a cosmovisão refletida nas Escrituras é obsoleta, e que a demitização constitui, portanto, um método hermenêutico essencial, se é que a mensagem do Novo Testamento não deva ser considerada algo fabricado. Mas pelo menos ele terá reservas intelectuais com relação à validade do que ele consideraria uma cosmovisão pré-científica.

O intérprete cuja perspectiva do mundo e da vida foi cunhada numa situação histórica dominada pelo pressuposto de um universo fechado, na qual tudo pode ser explicado com causas naturais, este intérprete precisa do corretivo proporcionado pela Escritura em sua ênfase sobre um Criador pessoal que opera com sentido na e através da história; sobre a criação totalmente dependente de Deus; sobre o ser humano como "imagem de Deus", afetado pelo pecado e pela redenção. Esses elementos constituem a substância da perspectiva bíblica do mundo e da vida, à parte da qual não pode haver uma compreensão adequada nem da realidade nem das Escrituras. A visão "científica" do mundo e da vida está centrada sobre o homem incluso no contínuo fechado, no qual não são possíveis quaisquer atos intencionais (e portanto atos verdadeiramente *humanos*), mas apenas incidentes numa cadeia de causalidade natural. Contrastando com isto, a perspectiva bíblica do mundo e da vida se centra no Deus vivo que, em sua própria comunicação por meio da Palavra, deu e segue dando a prova última da sua existência. A Bíblia precisa ser lida segundo suas próprias premissas.

Para poder ler a Bíblia segundo suas próprias premissas, entretanto, aqueles que estão condicionados pelo que Donald M. Mackey chamou de "nada-mais-queísmo"(16) — o "reducionismo ontológico", em

13 Cf. ZYLSTRA, Bernard e Josina (ed.). *Karsbeek, Countours of a Christian Philosophy. An Introduction To Herman Dooyeweerd's Thought*. Toronto, Wedge Publishing Foundation, 1975, especialmente capítulo 2.

14 BERGER, Peter. *Pyramids of Sacrifice*. Garden City, New York, Doubleday, 1976, p. 30.

15 Cf. BLAIKIE, Robert J., Op. cit.

16 MACKAY, Donald M. *The Cockwork Image: A Christian Peerspective on Science*.

termos filosóficos — precisam de uma verdadeira “conversão epistemológica”. Precisam compreender que o pressuposto de que a razão é capaz de captar a totalidade da realidade pode ser um pressuposto solidamente estabelecido no Ocidente, mas isto não significa que seja aceito universalmente ou que não existam reparos a fazer. Bem poderia ser que o que os impede de entrar no “estranho mundo da Bíblia” não seja a cosmovisão obsoleta da mesma, mas seus próprios pressupostos secularistas e sua injustificada confiança nos poderes da razão!

3. As escrituras

A hermenêutica tem a ver com o diálogo entre as Escrituras e uma situação contemporânea concreta. Seu propósito é transpor a mensagem bíblica do seu texto original para uma situação específica no século XX. Seu pressuposto básico é de que o Deus que falou no passado e cuja Palavra foi registrada na Bíblia segue falando hoje nas Escrituras; que “a revelação de Deus e o homem que constituía uma realidade em Israel e, em Jesus Cristo, ultrapassou suas limitações nacionais para converter-se na fé e na vida de toda a humanidade, tem acesso a cada nova época somente através do estreito canal das Escrituras”.(17)

Em um sentido, a Bíblia deve ser lida “como qualquer outro livro”, o que significa que o intérprete precisa levar a sério o fato de que está frente ao texto antigo, com seus próprios horizontes históricos. Sua tarefa é fazer com que o próprio texto fale, não vindo ao caso se está de acordo ou não com dito texto. Se o teológico depende do histórico, o esforço do intérprete deve consistir em entender o que significa o texto em sua situação original.

Nas palavras de James Smart:

“Toda interpretação deve ter como seu primeiro passo a leitura do texto com o matiz exato de significado que tinha ao ser escrito ou pronunciado pela primeira vez. Primeiro as palavras devem manter o sentido distinto que o seu autor lhes quis dar, devem ser lidas dentro do *contexto de suas outras palavras*. Logo, cada palavra deve ser estudada no *contexto da época*, a fim de estabelecer não só o significado que tinha para o seu autor, mas também que significado teria para aqueles a quem estava dirigida, não sendo sempre idênticas ambas as coisas, além do fato de ambas desempenharem um papel na gênese do texto. *O fundo religioso cultural e social* é da maior importância para, por meio das palavras, penetrar na mente do autor, mas não se deve supor que este sempre usava palavras com a mesma significação que seus contemporâneos. A omissão em qualquer dessas disciplinas é sinal de falta

London, Inter-Varsity Press, 1974, pp. 42ss. “O nada-mais-quismo — diz o autor — caracteriza-se pela noção de que, reduzindo-se qualquer fenômeno a seus componentes, ele não só fica explicado, mas também é fornecida a razão do mesmo.” (p.43).

17 SMART, James D. *The Strange Silence of Scripture*. Londres, SCM Press, p. 144.

de respeito, não só pelo texto e seu autor, mas também para com o assunto de que se trata.”(18)

Entretanto poder-se-ia argumentar que a abordagem histórico-gramatical descrita nesta citação também é tipicamente ocidental e que, em conseqüência, carece de valor para as culturas não-ocidentais. Afinal de contas — argumentam aqueles que sustentam essa posição — uma orientação hermenêutica particular depende de pressupostos culturalmente determinados; não se poderá supor que tenha validade universal.(19) Que diremos face a essa tese?

Em primeiro lugar, nenhum intérprete, qualquer que seja a sua cultura, tem a liberdade de fazer o texto dizer qualquer coisa que ele queira que diga. Sua tarefa é conseguir que o texto fale por si mesmo, e com este fim ele inevitavelmente precisa tomar contato com os horizontes do texto pelo caminho do contexto literário, da gramática, da história, etc. No Ocidente e fora dele, a Bíblia é um livro antigo e deve ser lido “como qualquer outro livro” para que seja entendido. Ao mesmo tempo, também está certo que é o Espírito quem torna possível ouvirmos a Palavra de Deus através da Bíblia; voltaremos a nos ocupar disto mais adiante. Mas em nenhuma cultura pode-se dizer que o Espírito seria um atalho para a compreensão da mensagem bíblica.

Em segundo lugar, a teologia ocidental não se tem caracterizado principalmente pelo uso conseqüente do método histórico-gramatical com o objetivo de permitir que a própria Bíblia fale ela mesma, mas sim por um *método dogmático* por meio do qual sistemas teológicos vigentes têm silenciado as Escrituras. As conceitualizações abstratas, modeladas segundo a filosofia grega, freqüentemente têm andado de mãos dadas com alegorizações e tipologias nas quais o caráter histórico da revelação sucumbe completamente, e a interpretação da Bíblia acaba virando um exercício literário e homilético cheio de caprichos. A teologia ocidental oferece abundantes ilustrações da maneira com que tem se furtado consciente ou inconscientemente da exegese histórico-gramatical num mecanismo com que procura manter uma posição teológica particular.(20)

-
- 18 SMART, James D. *The Interpretation of Scripture*, Londres, SCM Press, 1961, p.33.
19 Cf. TABER, Charles R. *Hermeneutics And Culture*. In: STOTT, John e COOTE, Robert T. *Gospel an Culture*. Pasadena, William Carey Library, 1979, pp.109ss.
20 Karl Barth fornece uma clara ilustração disto em sua interpretação “cristológica” de Gênesis 2: O fato de o homem não dever estar só significa que Cristo necessitava a Igreja como sua ajuda idônea. Fazer-se dormir o homem a fim de que a mulher pudesse existir significa que a Igreja somente pode existir mediante o domir da morte de Cristo, seguindo-se a sua ressurreição. O fato de o homem ter que dar a sua costela para que pudesse ser formada a mulher significa que Cristo teve que entregar-se por amor à Igreja, isto é, a Igreja em sua debilidade, assim como Adão recebeu a Eva. Pedir do homem que deixe seu pai e sua mãe e se una à sua mulher significa que Cristo teve que deixar a glória de seu Pai e unir a Igreja a si mesmo. Estarem Adão e Eva nus sem se envergonhar, significa que Jesus e sua Igreja estão cara a cara, sem se envergonhar (Dogmática III, I, pp. 376 ss.)

Em terceiro lugar, a fim de minimizar a importância do método histórico-gramatical, não se deve apelar para o uso que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento, como se fosse algo comprovado que os escritores do Novo Testamento não teriam maior interesse no sentido literal das Escrituras do Antigo Testamento. Naturalmente não se podem subestimar, sem mais, os problemas desta área da pesquisa bíblica.⁽²¹⁾ Porém não há base alguma para a idéia de que o Novo Testamento se especialize numa exegese altamente imaginativa, muito semelhante à do judaísmo rabínico. Inclusive no caso de Paulo, apesar de sua formação rabínica, há tanta moderação no uso da alegoria, por exemplo, que ela não pode passar despercebida. Assim o expressou James Smart:

“A eliminação de todos os exemplos de alegoria de seus escritos (os de Paulo) não modificaria a estrutura de sua teologia. Isto certamente constitui a prova decisiva.”⁽²²⁾

O esforço por conseguir que as Escrituras falem sem lhes impingir uma interpretação pré-fabricada é tarefa hermenêutica obrigatória para todo intérprete, qualquer que seja a sua situação histórica. Mesmo quando a atenção que se presta aos fatores históricos por vezes parece resultar num aprofundamento do valo entre o intérprete e o mundo da Bíblia, ainda assim dita abordagem é essencial, se é que a mensagem bíblica deve ser entendida como aquilo que é: uma mensagem proveniente de um contexto histórico definido, muito distanciado do intérprete. Isto não quer dizer, naturalmente, que a objetividade total seria possível, mas sim que, caso não se estabeleça a objetividade como meta, todo processo interpretativo de saída estará condenado ao fracasso. Certamente devemos suspeitar da nossa objetividade, mas também precisamos manter a esperança de entender o texto sem que nossas idéias preconcebidas deturpem a tarefa de fazer com que a Bíblia fale por si mesma.

Contudo não se deve confundir objetividade com neutralidade. A afirmação de que se deve ler a Bíblia “como qualquer outro livro” pode ser tomada como uma afirmação da necessidade de considerar seriamente os aspectos literários e históricos das Escrituras; pode-se tomá-la também, entretanto, no sentido de que a *Bíblia deve ser lida dentro da perspectiva da fé*. Já que todo livro deve ser lido à luz do propósito para o qual foi escrito, e levando em conta que a Bíblia foi escrita para que Deus pudesse falar nela e através dela, segue-se que a leitura da Bíblia “como qualquer outro livro” implica lê-la com uma atitude de abertura em relação à Palavra de Deus.

21 Cf. ELLIS, E. Earle. How the New Testamente uses the Old. In: Marshall, Howard (ed.) *New Testamente Interpretation*; Exeter, The Paternoster Press, 1977, pp. 199-219. Em resposta à resposta “Podemos reproduzir a exegese do Novo Testamento?” (Tyndale Bulletin n^o 21, 1970, pp. 3ss.), Richard N. Longnecker sugere fazer-se uma distinção no Novo Testamento entre exegese revelatória circunstancial, que não devemos tentar reproduzir, e exegese histórico-gramatical, a qual, sim, devemos tentar reproduzir.

22 *The Interpretation of Scripture*, p. 130.

“O historiador que afirma ser intérprete das Escrituras, cientista bíblico, deverá ser um cientista com uma mente suficientemente aberta a ponto de permitir que a matéria que ele estuda determine a natureza do método a ser empregado. Se as Escrituras o confrontam com realidades teológicas, isto é com mistérios. . . ele então precisará de instrumentos teológicos tanto quanto históricos e literários, a fim de poder analisar cientificamente seu conteúdo pleno.”(23)

Outra maneira de expressar isto é dizer que, já que as Escrituras não estão simplesmente destinadas a prestar informação, mas comunicar a Palavra de Deus, é preciso realizar-se uma tomada de contato entre os horizontes do texto e os do intérprete. Somente quando o intérprete estiver disposto a se perguntar “que significa esta mensagem para mim hoje, dentro do meu próprio contexto?” é que ele estará preparado para entender o sentido da mensagem em seu contexto original. A compreensão e a apropriação da mensagem bíblica são dois aspectos de um todo indivisível: A assimilação comprometida da Palavra de Deus.

Para ir além de um mero entendimento intelectual das Escrituras, entretanto, o intérprete precisa da iluminação do Espírito Santo. O mesmo Espírito que inspirou as Escrituras no passado está ativo hoje para fazer falar a Palavra pessoal de Deus numa situação concreta. A Palavra escrita, cujo tema principal é Jesus Cristo, cumpre seu propósito quando o Espírito, cuja função é dar testemunho de Jesus Cristo, ilumina a mente e a capacidade assim a ver Jesus Cristo nas Escrituras e sua vigência numa situação histórica específica. O testemunho das Escrituras é inseparável do testemunho do Espírito Santo. Concluindo, a tarefa hermenêutica é simultaneamente uma tarefa científica e uma tarefa pneumática. Ela tem a ver com a compreensão do texto em seu contexto original, e com a assimilação de sua mensagem numa situação contemporânea. Ela requer o uso de ferramentas exegéticas, mas requer igualmente a iluminação do Espírito Santo.

4. A teologia

Seja em forma de “teologia bíblica” ou em forma de “exposição da Bíblia”, a teologia é resultado de uma fusão dos horizontes da situação histórica contemporânea com os horizontes do texto. Sem esta fusão não pode dar-se a transposição da mensagem bíblica de uma situação concreta no passado para uma situação concreta no presente. A teologia será relevante para uma situação particular na medida em que estiver expressa nos símbolos e nas estruturas mentais que sejam parte dessa situação e se ocupar das questões e dos interesses que surjam nesse contexto. Ela será fiel à Palavra de Deus na medida em

23 Ibid., p. 31.

que estiver embasada nas Escrituras e dispuser do poder proporcionado pelo Espírito para o cumprimento do propósito divino.

Em e através da teologia que apresenta uma fusão genuína entre o texto antigo e a situação contemporânea, encarna-se a Palavra de Deus. Assim, pois, a situação histórica desempenha um papel decisivo na formulação de uma teologia que seja tanto bíblica quanto contemporânea. Pelo menos três razões abonam isto:

Em primeiro lugar, desde que a Palavra se fez pessoa humana, a única comunicação possível dessa Palavra é aquela que se encarna na história com a intenção de pôr-se ao alcance da pessoa humana como ser histórico. Toda comunicação autêntica da Palavra de Deus está modelada segundo a encarnação, e portanto procura encontrar um ponto de contato com a pessoa dentro de sua própria situação concreta.

Em segundo lugar, sem uma tradução que vá além das palavras, a fim de meter-se na matéria prima da vida, a Palavra de Deus é uma abstração. A Palavra de Deus está relacionada com a totalidade do universo e da experiência humana. Se sua proclamação não estiver dirigida a necessidades e problemas específicos numa situação particular, como se poderá experimentar concretamente a realidade da Palavra? A Palavra de Deus não é um princípio abstrato, nem mera doutrina, mas sim o fator determinante na vida em todas as suas dimensões, o critério fundamental à base do qual se julgam todos os valores que constituem a substância da vida humana. Sem contextualização, portanto, a Palavra de Deus necessariamente tocará a vida apenas de forma tangencial. (24)

Em terceiro, a fim de que a Palavra de Deus receba uma resposta inteligente, seja ela positiva ou negativa, é preciso haver comunicação efetiva, comunicação que leve em conta o ponto de contato entre a mensagem e o contexto histórico. Se este for o caso, a comunicação da Palavra de Deus não pode limitar-se à repetição de fórmulas doutrinárias traduzidas literalmente, cujo êxito tenha sido demonstrado em outras latitudes. Se a proclamação da mensagem de Deus deve estender-se além do nível consciente, e se o seu chamado deve ser mais que um convite para um mero assentimento intelectual, ela deve incluir a contextualização da Palavra de Deus como elemento essencial. De outro modo ela produzirá conversões espúrias ou respostas negativas que refletirão uma comunicação fracassada, não uma rejeição da Palavra de Deus.

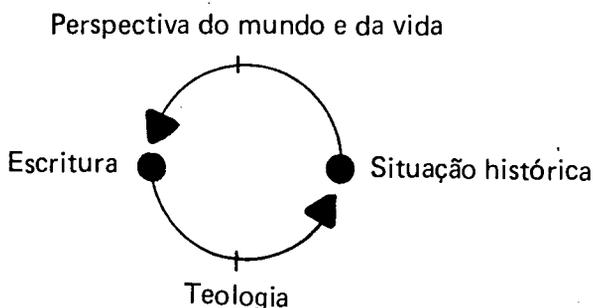
Entretanto, se a teologia representa uma verdadeira fusão dos horizontes do passado com os horizontes do presente, ela não se limitará a

24 Jacobo A. Loewen aceita que, para que a mensagem bíblica seja relevante, ela precisa dirigir-se às necessidades específicas da cultura, porém acrescenta acertadamente que "a mensagem verdadeiramente relevante se dirige não só a uma necessidade imediata, mas a uma gama de problemas básicos. Como verdadeira mensagem de Deus, ela há de proporcionar uma razão de ser, nova e renovada, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade". (*"The Church: Indigenous and Ecumenical"*, *Practical Anthropology*, Vol. 11, n.º 6 (novembro-dezembro, 1964), p. 244.

tratar daquelas perguntas que surgirem dentro de uma situação concreta, mas também comunicará as perguntas que a Palavra de Deus coloca a esta situação. A tarefa hermenêutica não se completa até que a totalidade da realidade se tenha submetido à Palavra da graça e de juízo, e até que as pessoas que a compõem possam ouvir dita Palavra de dentro de sua situação histórica.

B. A dinâmica do círculo hermenêutico

Tendo considerado os elementos do círculo hermenêutico, estamos agora em condições de ter uma visão da maneira como esses elementos se interrelacionam no processo interpretativo. Para tal, um filme se prestaria melhor que um diagrama. Então seria possível mostrar com maior precisão como uma alteração na situação do intérprete opera uma alteração em sua compreensão das Escrituras, ao passo que uma alteração em sua compreensão das Escrituras, por sua vez, repercute em sua situação. Ver-se-ia que uma hermenêutica genuína envolve um diálogo entre o contexto histórico e as Escrituras, um diálogo no qual o intérprete aborda as Escrituras com uma perspectiva particular (sua visão do mundo) e aborda a sua situação com uma compreensão particular da Palavra de Deus (sua teologia). Apesar das limitações de um esboço estático, podemos representar o processo interpretativo como um círculo, no qual os quatro elementos do círculo hermenêutico estão ligados como mostra o diagrama 4:



A meta do processo interpretativo é a transformação da vida humana dentro de sua situação histórica. Com este objetivo em mente, o intérprete escuta os questionamentos que se fazem à sua situação, e recorre às Escrituras com a seguinte pergunta: "Que diz Deus nas Escrituras com relação a este problema particular?" A forma como ele enuncia as perguntas específicas dependerá naturalmente de sua perspectiva do mundo e da vida. Por isso se pode dizer que a situação concreta somente pode abordar as Escrituras através da cosmovisão do intérprete.

Quanto mais profundas e completas forem as perguntas que o intérprete trazer às Escrituras a partir do seu contexto histórico, tanto mais profundas e completas serão as respostas fornecidas pelas Escrituras. Segue daí que, sem uma boa compreensão das reais questões colocadas pela vida numa situação particular, não pode haver uma compreensão adequada da relevância da mensagem bíblica para dita situação. Cada nova formulação das perguntas baseadas num entendimento mais refinado da situação torna possível novas implicações em sua mensagem. Se é certo que as Escrituras iluminam a vida, também é certo que a vida ilumina as Escrituras.

As Escrituras não contestam perguntas que não lhes são feitas. Uma falta de percepção da realidade no contexto histórico pode impedir que o intérprete detecte corretamente as perguntas que estejam sendo colocadas em sua situação; neste caso sua teologia pode especializar-se em responder perguntas que ninguém faz, ao mesmo tempo em que ignora outras que estão a exigir uma resposta bíblica.

Não devemos esquecer, no entanto, que as Escrituras não respondem diretamente todas as perguntas que lhes possam ser formuladas dentro de uma situação particular. Há grande número de tópicos sobre os quais as Escrituras nada dizem, ou dizem muito pouco. Por essa razão, é legítimo perguntarmos se há lugar para o método hermenêutico adotado por J. Severino Croatto (25), que afirma que, mesmo estando "limitado contextualmente" o texto bíblico, ou seja, mesmo que expresse o sentido do Evento salvífico em termos de uma situação específica antiga, não obstante ele pode transmitir um número infinito de significados, dependendo dos horizontes do intérprete. Para Croatto, o escritor bíblico, devido às suas limitações e a seus próprios horizontes, pode ter muito pouco a dizer que seja relevante para nossa ação no mundo moderno, mas ele pode dar-nos um "núcleo querigmático", cujos horizontes devemos ampliar se queremos obter uma resposta a nossas perguntas. Em conseqüência, a tarefa do intérprete fica sendo a de "descontextualizar" o texto, a fim de ir além do significado originalmente dado pelo autor às suas palavras, que o querigma possa ser atualizado em termos de uma práxis e seja relevante dentro da situação atual, e que a revelação contínua de Deus se torne visível em novos eventos. Se o Evento original deve ser proclamado de novo, porém num contexto diferente, — sustenta Croatto, — ele deve ser reestruturado à luz do que está acontecendo aqui e agora, precisa ser "recontextualizado" sobre a base de uma práxis definida.

A abordagem proposta por Croatto torna salientes três fatos importantes relativos às Escrituras:

Primeiro, que o sentido dos Eventos originais nas Escrituras podem ir além daqueles que os escritores originais tinham em mente ao escre-

25 Cf. CROATTO, J. Severino. *Liberación y Libertad. Pautas hermenéuticas*. Buenos Aires, Mundo Nuevo, 1975

ver. Este é um fato que ninguém pode negar, considerando-se as Escrituras como Palavra de Deus que transcende uma situação histórica e que é relevante à totalidade da história humana. Segundo, que as implicações mais amplas da ação de Deus no passado se compreendem corretamente a partir do contexto da obediência prática (práxis, na terminologia de Croatto). Terceiro, que as Escrituras nem sempre dão respostas diretas às perguntas que lhes formula o intérprete moderno, principalmente em relação a questões éticas.

No entanto, Croatto não chega a ver o papel único que tanto os profetas como os apóstolos representam na história da salvação como intérpretes autorizados dos Eventos originais, cuja palavra de interpretação é inseparável dos próprios Eventos(26). Em consequência, ele deixa aberta a porta a uma eisegese do tipo mais arbitrário. Poderia ser que um *sensus plenior* nas Escrituras seja a inferência lógica de uma doutrina bíblica da inspiração. Porém nenhum intérprete moderno pode afirmar que sua interpretação se encontra num mesmo nível que a dos profetas e apóstolos nas Escrituras, sem cair num subjetivismo total. A interpretação dos Eventos salvíficos que aparecem na Bíblia não é exaustiva, mas certamente é normativa.

Isto, entretanto, não resolve o problema daquelas perguntas para as quais as Escrituras não dão qualquer resposta explícita. Não é leve no perguntar: "De que vale serem as escrituras normativas, se não respondem a perguntas que surgem da situação contemporânea?"

A resposta está em que, em primeiro lugar, mesmo que as Escrituras não respondam exaustivamente a uma quantidade de perguntas contemporâneas, elas em contrapartida oferecem referências suficientes para o intérprete deduzir aquilo que as Escrituras diriam caso se ocupassem especificamente com as perguntas em questão. Todas as respostas terão que ser consideradas *improvisações*, porém será possível julgar quais delas estão em consonância com o teor geral da autoridade bíblica e quais são meros reflexos de condicionamento histórico a que está exposto o intérprete. Além do mais, o Espírito de Deus está ativo para pôr o seu povo em condições de andar na obediência, mesmo que não possa articular *a priori* todas as respostas para cada situação específica. Quando se reconhece que as Escrituras não se propõem a fornecer opiniões que possam ou não ser aceitas pelo leitor moderno, mas sim a servir de norma divina para a fé e a prática em todas as gerações sucessivas, fica estabelecida a base do método hermenêutico, no qual todo o esforço se concentra em fazer com que as próprias Escrituras falem. As perguntas iniciais que surgem de nossa situação concreta

26 A impossibilidade de separar o evento de Cristo de sua interpretação apostólica foi sublinhada por FORSYTH, P. T. *The Principle of Authority*. Londres, Independent Press 1913. Segundo ele, a revelação de Deus devia continuar, porém na palavra apostólica de revelação. "A interpretação apostólica é parte integrante do fato, do processo e do propósito revelatório, parte real embora póstuma do ensino continuado do próprio Cristo. Nos apóstolos efetuou-se uma revelação de revelação, e uma revelação da mesma uma vez para sempre" (p. 133).

talvez tenham que ser logo reformuladas. O conteúdo da teologia será, em conseqüência, não só constituído de respostas a perguntas específicas colocadas previamente dentro da situação histórica, mas também de perguntas que o texto bíblico coloca às perguntas iniciais. A abordagem histórico-gramatical é, portanto, uma conseqüência lógica do ponto de vista no qual as Escrituras são consideradas normativas para a fé e a prática(27).

Quanto mais profunda e rica for nossa compreensão do texto bíblico, tanto mais profundo e rico será nosso entendimento do contexto histórico e do significado da obediência cristã nesse contexto. Assim permanece aberta a possibilidade de alterações na cosmovisão do intérprete e, em conseqüência, a possibilidade de compreensão e assimilação mais adequada da mensagem bíblica. Respondendo a perguntas mais adequadas e a uma cosmovisão mais apropriada, a Escritura, o próprio texto, falará com maior clareza. Quanto mais se permite à Bíblia falar por si mesma, tanto mais as perguntas que lhe sejam formuladas de dentro da situação histórica serão as que realmente importam: quanto mais compatível for a perspectiva do mundo e da vida a partir da qual abordamos a Bíblia, tanto mais relevante será a teologia formulada em resposta às perguntas candentes que o intérprete tem que enfrentar na situação concreta.

Em conclusão, o processo interpretativo envolve uma contínua tomada de contato mútuo entre os horizontes do texto e os horizontes do contexto histórico. Nem o nosso entendimento do texto nem a nossa compreensão da situação concreta serão adequados, a menos que ambos interatuem constantemente e se corrijam mutuamente. Quando isto ocorre, o intérprete aborda a Escritura com perguntas cada vez mais acertadas e a partir de uma perspectiva sempre mais correta, a sua teologia, por seu turno, fica mais bíblica e mais relevante para sua situação. Ele vai de sua situação concreta, através de sua visão (cada vez mais bíblica) do mundo e da vida, para a Escritura; e da Escritura, através de sua teologia (cada vez mais relevante) para a sua situação, indo e voltando, sempre em busca de uma fusão de seus próprios horizontes com os da Escritura. Assim a hermenêutica pode ser concebida como uma circulação a evoluir em espiral, na qual uma compreensão mais rica e profunda da Bíblia conduz a uma compreensão maior do contexto histórico, e uma compreensão mais profunda e rica do contexto histórico conduz a uma compreensão melhor da mensagem bíblica de dentro da situação concreta, mediante a atuação do Espírito Santo.

27 Cf. PACKER, James. Hermeneutics and Biblical Authority. In: *Themelios*, 1: 3-12, 1975.

III, A CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO

Daniel von Allmen(28) argumentou que a contextualização constitui

“o elemento dinâmico na formação da teologia do Novo Testamento. A helenização da igreja na época apostólica foi iniciada por missionários helenistas que, num movimento espontâneo, e sob pressão dos fatores externos (de perseguição) encarregaram-se da obra de evanbelização e abordaram os gregos em seu próprio terreno. Foram eles que, por um lado, começaram a adaptar ao grego a tradição que deu origem aos Evangelhos, e que por outro lado, pregaram as boas novas pela primeira vez em grego.”(29)

Sua meta, entretanto, não era uma “teologia helenizada”, mas simplesmente uma transcrição fiel do evangelho para o grego. Depois dos tradutores, vieram os poetas — cristãos de fala grega — que deram expressão à fé recebida, não mediante uma teologia elaborada e sistemática, mas cantando a obra que Deus havia realizado em seu favor. (Segundo von Allmen, está aqui a origem de uma quantidade de hinos citados pelos escritores do Novo Testamento, particularmente aquele que aparece em Filipenses 2.6-11). Finalmente, depois dos poetas vieram os teólogos, com a dupla função de assegurar que os novos modos de expressar a fé correspondessem à doutrina apostólica (função crítica) e de demonstrar que todas as declarações teológicas deviam ser feitas em relação com o cerne da fé cristã, ou seja, com o senhorio universal de Jesus Cristo. Von Allmen afirma que a forma em que o cristianismo foi helenizado no primeiro século, estabelece um modelo para a contextualização nos dias de hoje. O que se necessita, segundo ele, são missionários como os helenistas, que “não se lançaram com intenção teológica”, poetas como os autores dos hinos citados no Novo Testamento, que “não buscavam deliberadamente uma forma original de expressar sua fé”, e teólogos como Paulo, que não se propôs fazer teologia. “O único objeto de investigação que se permite e que inclusive se exalta — conclui ele — é o Reino de Deus em Jesus Cristo (cf. Mt 6.33). E a teologia, como todas as demais coisas, nos será acrescentada.”(30)

O valor do artigo de von Allmen está em que destaca a importância da obediência como força motora na contextualização do evangelho na época apostólica. Com efeito, o interesse primário na igreja primitiva não era “fazer teologia”, mas obedecer ao chamado de Deus à missão. No entanto é um erro sugerir que o evangelho possa ser pregado, e a fé, cantada, sem teologia. Nem a proclamação do Evangelho nem o

28 von ALLMEN, Daniel. The Birth of Theology. In: *International Review of Mission*, 64 (253): 37-55, 1975.

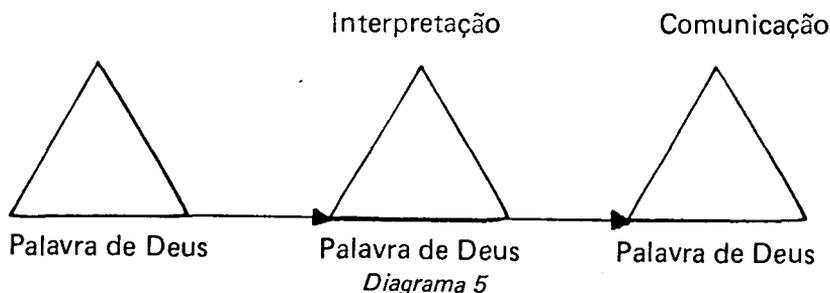
29 *Ibid.*, p. 10.

30 *Ibid.*, p. 52.

culto a Deus são possíveis sem teologia, por menos sistemática e por mais “implícita” que seja. Em outras palavras, os missionários e poetas helenistas eram também teólogos — por certo não dogmáticos, porém proclamadores e cantores de uma teologia viva, mediante a qual expressavam a Palavra de Deus num contexto novo.

Como tem insistido P. T. Forsyth, “o objeto de nossa fé é um Deus teológico, caso contrário esse Deus não é Amor Santo.”(31) Conseqüentemente a tarefa teológica, que em essência é uma tarefa hermenêutica, fica sendo inevitável. Mesmo a nível mais elementar, a comunicação da fé cristã coloca ao comunicador a questão de como expressar a velha mensagem em termos que tenham sentido para seus ouvintes; e as categorias nas quais a expressa serão necessariamente as de uma situação histórica específica. Portanto não há como evitar a circulação hermenêutica.

A situação atual da igreja em muitas partes do mundo, entretanto, proporciona evidências suficientes de que com freqüência demasiada se tem tentado evangelizar sem levar seriamente em consideração a tarefa hermenêutica. Os missionários estrangeiros freqüentemente têm tomado como ponto pacífico que sua tarefa consiste em extrair a mensagem diretamente do texto bíblico e transmiti-la diretamente a seus ouvintes na “área de missão”, sem considerar o mínimo o papel do contexto histórico em todo processo interpretativo. Esta atitude obedece a um esquema simplista (diagrama 5) que não se encaixa na realidade.



Esta abordagem simplista da evangelização freqüentemente anda de mãos dadas com uma versão ocidental do cristianismo que combina elementos bíblicos com elementos emprestados da filosofia grega e da

31 FORSYTH, P. T. op. cit., p. 221. Forsyth acrescenta: “É impossível separar as perguntas ‘Em quem confias?’ e ‘Que crês a seu respeito?’. Somente confiamos n’Ele numa função teológica como nosso Salvador; não só como nosso Pai — isto não é cristianismo — mas sim como o Pai do eterno Filho e único Redentor” (ibid. pp. 12-22).

herança americano-européia(32) e dá uma ênfase desproporcional ao crescimento numérico da igreja. Em conseqüência em muitas partes do mundo, o cristianismo é considerado uma religião étnica: A religião do homem branco. O evangelho tem sotaque estrangeiro, ou não tem sotaque algum, em relação aos sonhos e ansiedades, problemas e perguntas, valores e costumes do povo. A Palavra de Deus se reduz a um LOGOS ÁSARKOS (palavra não-encarnada), a uma mensagem que toca a vida apenas tangencialmente. Ao se avaliar plenamente este problema, fica difícil discordar da afirmação de Wibert R. Schenk, de que "apesar de alguns sinais superficiais de êxito, o movimento missionário moderno fracassou em nível profundo até o dia de hoje. A igreja que é produto deste movimento histórico sofre gravemente da falta de raízes espirituais e intelectuais".(33)

Seria fácil ilustrar a dependência teológica das "igrejas mais jovens" com relação às "igrejas mais antigas", dependência esta tão real e prejudicial quanto a dependência econômica que caracteriza os "países subdesenvolvidos". Basta mencionar que uma impressionante quantidade de literatura cristã publicada nesses países consiste em traduções do inglês (que vão desde a "escatologia-ficção" até os manuais sobre "como desfrutar o sexo"), e que numa série de instituições teológicas o currículo consiste numa cópia xerox do plano utilizado por instituições similares nos Estados Unidos ou na Europa(34).

Por toda parte há uma necessidade urgente de uma leitura do Evangelho *a partir da situação histórica particular*, sob a direção do Espírito Santo, em prol de uma contextualização da igreja. É somente na medida em que a Palavra de Deus se faz carne no povo de Deus, que o Evangelho toma forma na história. Segundo o propósito de Deus, o evangelho não deve ser jamais uma mensagem apenas de palavras, mas uma mensagem encarnada em sua igreja e, através dela, na história. O Deus que sempre falou às pessoas dentro de uma situação concreta designou a igreja como seu instrumento para a manifestação da presença de Cristo entre as nações da terra. A contextualização do Evangelho nunca pode ocorrer isolada da contextualização da igreja.

Se é que o Evangelho deve evidenciar-se na vida da igreja, *toda a Igreja* precisa ser reconhecida como "a comunidade hermenêutica", o lugar onde ocorre a interpretação. O desígnio de Deus ao revelar-se nas Escrituras não é prover as bases para sistemas teológicos, mas dar forma a uma nova humanidade, criada à imagem de Jesus Cristo: A hermenêutica bíblica concerne a toda a Igreja, uma vez que tem a ver com a criação divina de uma comunidade chamada a manifestar o Reino de Deus em todas as áreas da vida.

32 Em outro lugar tenho apontado para o problema que em todo o mundo é levantado por um "cristianismo-cultura", no qual o Evangelho pregado ostenta os sinais do "estilo de vida norte-americano". *El Evangelio y la Evangelización*. In: *El Evangelio Hoy*. Buenos Aires, Certeza, pp. 112-117.

33 *Theology and Missionary Task*. In: *Missiology. An International Review*. 1(3): 295, 1973.

34 No caso da Ásia, a situação foi descrita por um líder evangélico muito respeitado, nos seguintes termos: "As escolas que se associam a instituições estrangeiras para conceder título

A contextualização do Evangelho não deve consistir numa adaptação de uma teologia existente a uma situação particular. Ela não será meramente resultado de um processo intelectual. Não há de ser auxiliada por um paternalismo missionário benevolente, empenhado em ajudar os "nativos" a selecionar elementos culturais que possam ser considerados positivos. Ela somente poderá ser o resultado de uma leitura nova e não-condicionada da Escritura, com uma hermenêutica na qual o Evangelho e o contexto histórico entra num diálogo cujo propósito é colocar cada aspecto da vida e da missão da igreja sob a soberania do Senhor Jesus Cristo em sua situação concreta.

(Tradução: Walter O. Schlupp)

los, têm que seguir os currículos estrangeiros. Em muitos pontos este currículo é irrelevante para a situação na Ásia. Por exemplo, nas escolas evangélicas teológicas ocidentais, os estudantes estudam defesas contra os teólogos liberais. Mas a maioria dos asiáticos não têm problema algum em aceitar os milagres, o supranaturalismo e a autoridade da Bíblia. Os asiáticos não deveriam dedicar tempo a responder perguntas que não se fazem na Ásia. Em contrapartida, sim, precisariam concentrar-se em questões relativas ao sofrimento, à pobreza, à possessão demoníaca, à urbanização, ao comunismo e outras religiões asiáticas vivas. Portanto, temos que contextualizar nosso plano de estudos." RO, Bong Rin. Why Accreditation? In: *Asia Theological News*, 3(2): 2-3, 1977.